



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, às rádios Difusora 640 AM e 730 AM

Goiânia-GO, 12 de fevereiro de 2010

Jornalista: Nosso bom dia ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Bom dia, Presidente.

Presidente: Bom dia, Altair. É um prazer imenso estar falando com você e com os ouvintes da rádio 730 AM.

Jornalista: Presidente Lula, um abraço ao senhor. Um bom dia, também.

Presidente: Bom dia, Adolfo Campos. É um prazer estar falando com você e com os ouvintes da rádio Difusora 640 AM.

Jornalista: Presidente, vamos começar... me permita iniciar esta entrevista. Temos hoje, aí, a inauguração da barragem do João Leite, temos uma agenda com a prefeitura de Goiânia – a inauguração de uma escola – temos investimentos, aí, do governo federal no estado de Goiás. Qual é a mensagem que o senhor traz dessa inauguração, junto com o governador Alcides Rodrigues. Essa parceria tem sido ressaltada, bastante, pelo governador Alcides Rodrigues e tem dado resultado.

Presidente: Olha, primeiro, é um prazer imenso estar em Goiás outra vez e muito mais prazer ainda de poder estar visitando Goiás ao lado do governador Alcides, e dando uma entrevista para vocês ao lado, também, da nossa ministra Dilma Rousseff, chefe da Casa Civil.

Olhe, nós estamos numa fase do governo que é uma colheita daquilo que



nós plantamos ao longo desses últimos anos. Quando você começa uma obra, essa obra tem todo um ritual para ela ser elaborada, pensada, projetada, licitada para depois ela começar a ser feita, ou seja, às vezes você perde mais tempo cumprindo ritual do que de fazer a própria obra.

E, para nós, é uma grande alegria vir inaugurar uma obra que significa a solução definitiva de água para a capital do estado de Goiás. Me parece que durante muito tempo o problema de água vai ficar resolvido, ou seja, 30 ou 40 anos. Isso é muito importante. Nós ainda temos muitas obras complementares, e vamos continuar fazendo, vamos continuar... está no PAC, agora, a obra seguinte, e vamos continuar trabalhando com o governador Alcides e com Goiás. Ele tem mais um ano de mandato, eu tenho mais um ano de mandato. Ou melhor, nem um ano nós temos.

Mas nós temos muita coisa para inaugurar em Goiás, temos muita coisa para inaugurar no Brasil inteiro, e é o grande momento. Eu acho que Goiás vive um momento muito bom e acho que nós precisamos aproveitar isso para fazer com que Goiás tenha mais desenvolvimento ainda.

Jornalista: Presidente, o presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, disse ontem que não quer ser candidato ao governo de Goiás. Diante disso, a gente pode concluir que o prefeito Iris Rezende é que vai ter o apoio do senhor?

Presidente: Ora, deixe eu te dizer uma coisa. Eu chamei o Meirelles para conversar na semana passada e disse ao Meirelles que eu gostaria que ele ficasse no governo até o final, afinal de contas, ele fez um trabalho muito importante no Banco Central, ou pelo menos ficasse até o limite da data que as pessoas têm que sair, que é dia 2 de abril. Se o PMDB decidir ter candidato antes disso e indicar o companheiro Iris Rezende, o Iris terá o apoio do PT, certamente, porque nós iremos fazer uma aliança nacional e também uma



aliança nos estados. O Alcides sabe da minha ideia, ou seja, eu gostaria que nós construíssemos uma aliança muito grande aqui no estado, mas, ao mesmo tempo, eu tenho que respeitar as diferenças que existem em cada região e permitir que as pessoas, de forma mais livre possível, possam construir as alianças que forem possíveis em cada estado. Eu acho que o Iris tem história para ser candidato a governador do estado de Goiás, aliás já foi governador, já foi ministro, já foi senador, portanto ele tem história. Mas é uma coisa que depende muito mais do PMDB do que da vontade do presidente Lula.

Jornalista: Nesse caso, o senhor... Criou-se a expectativa aqui de que o PMDB espera que o senhor fale no evento hoje, da prefeitura, desse apoio...

Presidente: Não, veja, eu não posso...

Jornalista: O senhor recebe como essa expectativa?

Presidente: Não... Deixe eu lhe falar uma coisa: da outra vez em que eu vim aqui, eu dei uma entrevista e, daquela entrevista saiu uma especulação de que eu tinha lançado o Meirelles candidato a governador, o que não tinha sido verdade. Eu não tinha lançado o Meirelles candidato a governador, até porque o Meirelles não tinha me dito que queria ser governador. Então eu, como presidente da República, tenho que ter toda a cautela possível, vou ter que esperar que haja as convenções partidárias, que as convenções partidárias lancem os candidatos, em função do lançamento e das alianças políticas é que o presidente da República pode se posicionar em cada estado. Eu não posso precipitar uma declaração minha em favor de "A" ou "B" antes de as coisas estarem acertadas em cada estado.

Jornalista: Presidente, o senhor esteve aqui no ano passado e disse que faria,



seria o intermediário, faria tudo para que tivéssemos um acordo entre a Celg e a Eletrobrás. O acordo não saiu. O senhor falou também, quando esteve aqui, que queria saber quem quebrou a Celg. O senhor já descobriu?

Presidente: Olha, o acordo está sendo feito. Agora o acordo é um acordo complicado, porque a Celg é uma empresa que tem muita dívida e para que o governo federal assuma é preciso que a gente faça toda a investigação necessária e o companheiro Alcides está acompanhando isso a par e passo. O companheiro Lobão, ministro de Minas e Energia, e os companheiros da Eletrobrás estão trabalhando há mais de seis meses fazendo levantamento, informações sobre a Celg, porque nós queremos que a Celg volte a ser uma empresa rentável.

Jornalista: Será que volta?

Presidente: E volta, volta.

Jornalista: Volta?

Presidente: Volta. Faz mais ou menos uns dez dias que o companheiro Lobão me deu notícias do andamento das coisas que estão acontecendo aqui, das conversas que tem tido com o Alcides e com a direção da Celg. Eu estou convencido de que é uma questão de dias, a Eletrobrás fechará um acordo com a Celg.

Jornalista: Sobre isso, todas as decisões necessárias já foram adotadas?

Presidente: Eu acho que não. Se todas já tivessem sido adotadas certamente



já teria concluído o acordo. É porque num acordo dessa magnitude envolve muita investigação, muita perícia, porque são números muitos grandes, ou seja, o desfalque da Celg é muito grande, não é coisa pequena. Então, nós não queremos tirar uma dívida de uma empresa e passar para o governo federal se a gente não tiver certeza que a gente pode recuperar a empresa. E por isso estamos trabalhando junto com o governo do estado, para que a gente, ao obter todas as informações e concluirmos um acordo que interessa ao governo do estado e que interessa ao governo federal, nós teremos todo o prazer de assumir essa responsabilidade com a Celg.

Jornalista: Ô Presidente, mas ainda interessa, o senhor interessa saber quem quebro a Celg? O senhor falou que...

Presidente: Não, eu acho que... veja, no resultado da polícia, da perícia vai aparecer.

Jornalista: Entendi...

Presidente: No resultado da perícia vai aparecer. Você vai saber em que ano, em que momento ela entrou no processo de quebra. Uma empresa importante como a Celg, que nós no governo federal através da Eletrobrás levamos muito em conta a importância da Celg.

Jornalista: Presidente, o que o senhor pensa sobre a ideia da intervenção no Distrito Federal, a partir da situação instável politicamente vivida na gestão do governo federal e aí com a prisão, inclusive, do governador Arruda?

Presidente: Olhe, se a Justiça Federal decidir que haja intervenção, vai haver intervenção. Se não houver nenhuma acusação contra o vice-governador do



estado [Distrito Federal], é de direito que ele possa assumir o governo do estado [Distrito Federal] e governar o estado [Distrito Federal]. Agora isso está na mão da justiça, o presidente da República apenas espera que haja a decisão.

Jornalista: A Procuradoria Geral da União pensa na intervenção. O senhor vai esperar ainda ou o senhor ainda vai tomar...

Presidente: Vou ver...

Jornalista: Esperar...

Presidente: Nem a Procuradoria... nem a Procuradoria tem o direito de fazer intervenção e muito menos o presidente da República, é preciso que a Justiça faça. Então, quando o Poder Judiciário se manifestar por uma intervenção, aí o governo federal não terá dúvida de colocar alguém para governar o estado [Distrito Federal], a cidade de Brasília.

Jornalista: Os apressados não precisam tentar adiantar...

Presidente: Não, mas é que não dá, não dá para a gente... qualquer brasileiro pode dar palpite sobre o que quiser, eu não posso. Eu sou obrigado a aguardar o seguinte: tem um vice que acabou de ser empossado. Se alguém acha que ele não pode tomar posse essa pessoa vai entrar com uma ação no Poder Judiciário. O Poder judiciário vai decidir.

Jornalista: O senhor fala que o Ronaldo está gordo, o povo acha ruim, apela com o senhor.



Presidente: Pois é...

Jornalista: O senhor ficou chocado com a prisão do Arruda? O senhor ficou abatido?

Presidente: Não, não, obviamente que eu fico chocado quando eu vejo as denúncias de corrupção neste país, fiquei chocado quando aparece aquele filme do Arruda recebendo dinheiro. É uma coisa absurda a gente imaginar que em pleno século XXI, isso acontece no Brasil. Agora, a prisão do Arruda foi uma prisão decretada pelo Poder Judiciário, ou seja, de quinze juízes, doze ou treze votaram pela prisão dele. O que a Polícia Federal fez foi aceitar um pedido do próprio Arruda, que pediu para se entregar na Polícia Federal, sem precisar sair de casa algemado. Como também a Polícia Federal não está mais disposta a fazer pirotecnia com quem quer que seja, foi uma atitude correta dele ir lá e se apresentar. E tantos quantos quiserem se apresentar, não precisa surpresa: vão lá, se apresentam e ficam presos dentro da Polícia Federal. De forma que eu espero que o que aconteceu com o Arruda sirva de exemplo para que não possa mais se repetir em lugar nenhum.

Por isso que eu mandei para o Congresso Nacional um projeto de lei, transformando crime de corrupção em crime hediondo porque nós precisamos ser mais duros com a corrupção, com o corrupto e com o corruptor.

Jornalista: Senhor Presidente, são sete anos...

Presidente: Água.

Jornalista: ...sete anos... O Presidente pediu água, e olha que o calor passou, hein? Se o senhor chega aqui na semana passada, estava quente, viu?

Presidente, depois de sete anos, quando o senhor acorda à noite, aí



chama a dona Marisa e fala: “Marisa, minha filha, eu teria que ter feito mais. Este país é muito bom, este povo é sofrido, eu teria que ter feito mais”. O senhor se arrepende de alguma coisa que não fez ainda e que dá tempo de fazer, Presidente?

Presidente: Olha, eu acho que tanto no governo quanto na passagem da gente pela Terra, você sempre vai achar que você podia muito mais, até porque o cidadão que acha que já fez tudo é um cidadão limitado, e eu acho que a pretensão humana é infinita. Portanto, o Brasil tem tanta coisa para ser feita, que se a gente tivesse feito dez vezes mais do que a gente fez, ainda assim você teria dez vezes mais para fazer, porque este país ficou muitos séculos sendo tratado como se fosse um país de meia dúzia de pessoas, e a maioria do povo, empobrecida.

Então, sempre haverá o que fazer, e eu tenho consciência do tanto que nós fizemos. Se me comparar a qualquer presidente da República deste país, desde a Proclamação da República, e tenho consciência do que precisa ser feito para frente, para que o Brasil possa atingir a plenitude de um Estado altamente desenvolvido e um Estado altamente justo no tratamento do ser humano.

Agora, eu estou convencido de que nós fizemos muita coisa, fizemos coisas que muita gente não esperava que fosse possível serem feitas. Eu converso...

Jornalista: O senhor destaca o quê?

Presidente: ...eu converso com os meus ministros, por exemplo, eu duvido que em algum momento da história do Brasil a gente teve a quantidade de obras que nós temos em todo o território nacional, em todos os estados e na grande maioria dos municípios. Duvido! Hoje não tem quase que um município



brasileiro que não tenha um investimento de alguma coisa do governo federal em obras públicas, seja saneamento básico, seja casa, seja uma rodovia, seja uma estrada vicinal, porque nós decidimos que depois da paralisia que o Brasil teve, depois do governo Geisel, que foi o último governo que investiu em infraestrutura, depois o governo parou de investir, e nós, com o PAC, em 2007, tomamos a decisão de retomar os investimentos públicos na infraestrutura brasileira e isso agora não para mais. Agora é como se a gente estivesse construindo uma carteira de obras, ou seja, agora, a cada ano vai ter mais obras, a cada ano vai ter mais coisa para ser feita no Brasil porque os prefeitos estão aprendendo a fazer projetos, porque os governadores estão aprendendo a fazer projetos, porque o governo federal está aprendendo a fazer projetos, porque as pessoas estão aprendendo, depois de 20 anos de atrofiamento de fazer cem projetos neste país, as pessoas estão aprendendo que quem faz o dinheiro é o projeto. Eu digo sempre o seguinte: quem tiver um bom projeto arruma dinheiro. Quem tiver dinheiro sem projeto, não vai arrumar dinheiro.

Eu dou o exemplo sempre da fotografia do álbum de batizado. Quando a gente vai batizar o filho da gente, tem sempre um fotógrafo chato com uma máquina batendo fotos, depois dá um cartãozinho para a gente e fala: “O senhor quer comprar o álbum?”. A gente fala: “Não, não quero, eu não encomendei”.

Jornalista: Mas ele tem a foto.

Presidente: Fica brabo. Aí passa uma semana, chega aquele fotógrafo, humildemente, na porta da tua casa, bate palmas...

Jornalista: O senhor mandou tirar a foto do menino...

Presidente: Você abre o portão... Não, ele nem fala isso.



Jornalista: Não?

Jornalista: Se quiser, eu tenho.

Presidente: A senhora quer ver? Veja só, pelo amor de Deus. Não precisa comprar, mas veja. E qual é o pai e qual é a mãe, que depois de ver a fotografia do filho – que sempre o pai e a mãe acha o mais bonito do mundo – não vai querer comprar?

Jornalista: Compra.

Presidente: Então, projeto é assim. Se chegar um governador ou um prefeito com um projeto que tenha cabeça, tronco e membros, que seja exequível, aparece o dinheiro. Agora, o que acontece é que muitas vezes o administrador, para prestar contas para o seu eleitor aqui ou em qualquer outra capital, ele faz promessa de obra que ele sabe que não vai dar certo. O cara prometeu uma fábrica de laranja numa terra de cupuaçu, não vai ter fábrica de suco de laranja, vai?

Jornalista: Não funciona.

Presidente: Então, as pessoas, muitas vezes, prometem o que não podem cumprir. E nós somos obrigados a trabalhar com a realidade. Portanto, pega o caso deste aeroporto aqui, gente. Este aeroporto aqui, já era para a gente ter inaugurado este aeroporto.

Jornalista: E não inaugurou por quê?



Presidente: Este aeroporto, agora, veja, está na mão de um juiz, tem uma perícia, tem uma perícia. A Infraero já contactou o Exército Brasileiro. Assim que o juiz que está com a perícia na mão definir o final da perícia, nós vamos colocar o Exército para fazer esta obra, para ver se termina esta obra o quanto antes, porque cada vez mais... Goiânia é uma cidade importante e cada vez mais este aeroporto vai precisar ser ampliado.

Jornalista: Presidente, a ideia não é fazer uma nova licitação?

Presidente: Pois é, mas aí quando... nós vamos fazer com o Exército, uma tomada de preços. É o Exército que vai oferecer o preço para nós. Para evitar que haja confusão... porque esse é um problema no Brasil.

Jornalista: Não tem projeto para reformar?

Presidente: Esse é um problema no Brasil, esse é um problema no Brasil, que é o seguinte. Quando uma empresa perde uma licitação, o que é que ela faz? Ela entra com um processo contra a empresa que ganhou e, muitas vezes, nessa briga uma obra fica três anos parada, quatro anos parada.

Jornalista: Sempre tem uma palavrinha ali diferente.

Presidente: Sempre tem uma coisa, sempre tem uma coisa. E isso é da democracia, é da lei da licitação, isso é do funcionamento do Poder Judiciário, a gente não pode fazer muita coisa a não ser reclamar e lamentar. Então, essa obra aqui que já tem trinta e pouco por cento e que a gente imaginava que iria inaugurar em 2008 ou, no máximo, em 2009, agora vamos fazer com que esse projeto... o Exército refaça o projeto e possa então fazer essa obra, porque com o Exército é diferente o contrato que o governo federal faz.



Jornalista: Presidente, o senhor... Por falar em obras, em realizações e projetos, o senhor está ao lado do governador Alcides Rodrigues, à sua direita, à esquerda, a ministra Dilma Rousseff – o que toca obra em Goiás e a tocadora do PAC. Eu pergunto ao senhor: o senhor sabe da experiência de governar junto com o Alcides e teve a experiência de governar junto com o Marconi Perillo. Pergunto: qual é a diferença entre eles, sendo que há tempo atrás o Marconi elogiava o senhor e hoje critica bastante. Qual é a diferença entre governar com um e com outro?

Presidente: Olhe, na minha posição o que importa é a gente governar com as pessoas que ajam com sinceridade. Vocês já publicaram aí matéria de eu me queixando, quando o senador era governador, muitas vezes eu vim aqui e ele dizia: “Porque se o Presidente ajudar a fazer tal obra, eu coloco a metade e ele coloca a metade”, e tal... A gente colocava a nossa metade e depois tinha que colocar o resto porque ele não colocava. Eu ouvi ele dizer que essa obra que nós vamos inaugurar “o Presidente veio inaugurar uma obra que ele fez”. Veja, essa obra, na verdade, o dinheiro... Eu vou até pedir para o Alcides depois explicar aqui, porque essa obra, o dinheiro que foi utilizado no governo, foi dinheiro de emendas parlamentares, portanto é dinheiro do Orçamento Geral da União, dinheiro do BNDES, dinheiro do (incompreensível), portanto... Essas pessoas que se acham donas da verdade e, sobretudo, essas pessoas, eu diria, muito vaidosas e muito... terminam sendo pegadas, eu diria, de calça curta, na mentira. Eu acho que trabalhar com o Alcides é melhor, porque a gente diz se pode e se não pode, é muita mais sincera essa relação com o Alcides.

Jornalista: Presidente, o ex-presidente Fernando Henrique tem criticado a pré-candidata do senhor, a ministra Dilma Rousseff, que aqui está, e ele está inclusive propondo fazer uma comparação dos oito anos dele com os sete anos



e pouco do senhor. O senhor acha que é uma boa ideia, o senhor topa?

Presidente: Olha, veja, é tudo o que eu tenho feito, é tudo o que eu tenho feito. Agora, eu acho uma falta de respeito do ex-Presidente da República ficar criticando a Dilma. Primeiro, porque ele não a conhece; segundo porque seria extremamente importante que ele esperasse começar a campanha, para ele poder vê-la fazer os debates e para poder fazer julgamento.

O que está acontecendo, na verdade, é que é quase que uma coisa nostálgica. O presidente Fernando Henrique Cardoso, com medo de cair no esquecimento, ele começa a... porque veja, a verdade é que o Alckmin não quis ele na campanha de 2006, a verdade é que o Serra não o quer na campanha de 2010.

Então, uma forma de você voltar a ser... na política é você arrumar um inimigo para você criticar. A minha ideia é que a Dilma não responda ao ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, não tem porquê responder, deixar ele fazer as críticas, porque eu acho que ele está baixando muito o nível para um homem que tem a formação intelectual que ele tem. Acho que a Dilma não tem que se preocupar com isso, não tem que responder, tem que ficar tranquila...

Jornalista: Mas essa história de formação intelectual, isso conta?

Presidente: Não, eu acho que deveria contar, pelo menos para a educação, pelo menos para a educação, ou seja, para respeitar as pessoas.

Jornalista: Presidente...

Presidente: A única coisa que eu quero é que a Dilma não responda às críticas feitas pelo Ex-Presidente ou por quem quer que seja. Ela tem que apresentar o trabalho dela. O povo está cansado de ouvir campanha com baixo



nível, de agressões, de acusações. Ela tem que mostrar o que ela fez no governo e o que ela se propõe a fazer daqui para a frente.

Jornalista: O que é que o senhor...

Presidente: É isso o que ela tem que fazer.

Jornalista: O que é que o senhor sentiu quando observou que FHC o classificou como ventríloquo e referiu-se à Dilma como um boneco?

Presidente: Olha, eu acho uma coisa pequena da parte dele porque, realmente, o Ex-Presidente deve ter alguma mágoa que ele não explicita isso publicamente, ou seja, uma mágoa de o meu governo ter tido tanto sucesso, de o Brasil estar tão reconhecido internacionalmente, coisa que ele achava que não ia acontecer porque ele imaginava que nós íamos ser um fracasso total. Então, quando ele vê eu ganhar o prêmio de O Homem do Ano pelo El Pais, O Homem do Ano pelo Le Monde, ganhar o prêmio do governante global, em Davos, ele deve ficar muito chateado porque... mas eu acho que a gente não tem, não tem que levar em conta essas críticas do Ex-Presidente. A gente tem sempre que dizer o seguinte: um ex-presidente da República tem o direito de ficar quieto ou tem o direito de falar o que bem entender. E o Fernando Henrique Cardoso será julgado pelas suas palavras, como foi julgado pelo seu governo.

Jornalista: Presidente, eu estou entre perguntar ao senhor se a Saúde e a Segurança continuam sendo os maiores problemas do País, ou se o senhor é a favor de o Ronaldinho Gaúcho disputar a Copa? O que é que eu pergunto?

Presidente: O que você quiser.



Jornalista: As duas...

Presidente: O que você quiser.

Jornalista: ...para ganhar tempo. Veio um rapaz do senhor aqui e já sugeriu que está terminando este bate-papo tão agradável.

Presidente: Veja, deixa eu lhe falar uma coisa, Adolfo. Deixa eu falar uma coisa para você. A Saúde sempre será um tema importante em campanha, sempre será um tema importante. Nós, agora, por exemplo, vamos inaugurar, neste ano, 500 UPAs, que são Unidades de Pronto Atendimento, que é para a gente evitar que o povo, por uma coisinha menor, tenha que pegar fila num hospital de alta complexidade, por exemplo. Ou seja, nós temos que dar a ale um tratamento especial ali na vila onde ele mora. O Alcides é médico, sabe perfeitamente bem do significado de uma UPA. Nós vamos fazer 500 no Brasil, agora, vamos aumentar em 1,8 mil ambulâncias do Samu para a gente atender 100% da população brasileira, vamos aumentar a Farmácia Popular, mas a Saúde sempre será um tema importante em qualquer campanha que se fizer no Brasil. A Segurança Pública sempre será um tema extremamente importante que a gente fizer no Brasil.

Jornalista: O senhor viu a dengue aqui em Goiânia – que inferno?

Presidente: Pois é. Agora, veja, a dengue é uma coisa que todo mundo sabe, e eu que não sou médico sei, o Alcides que é médico sabe: a dengue é uma coisa que nós a combateremos muito mais se cada um, cidadão brasileiro, fizer a lição de casa. Não é uma coisa da gente ficar jogando responsabilidade um em cima do outro. É cada um cuidar do seu e o Estado coordenar isso, por



quê? Porque se eu cuido da minha casa e o Alcides não cuida da dele, eu posso ser vítima da dengue por conta de um mosquito que estava na casa dele.

Jornalista: E ele também.

Presidente: E ele também. Então, cada um tem que cuidar, todo mundo sabe o que tem que fazer. Não dá para ficar esperando que o outro vá lá na minha casa fazer o que tem que ser feito. E cabe ao Estado – Estado, prefeito e governo federal – coordenar as ações para evitar que a gente tenha a dengue.

As informações que eu tenho é que em alguns estados que tiveram dengue muito forte no ano passado, neste ano será bem diminuta a dengue. Se aqui em Goiânia houve muito... está havendo muito caso de dengue, eu acho que ainda há tempo de se fazer um trabalho de limpeza onde tem que limpar, para evitar que os mosquitos se proliferem.

Jornalista: Presidente, estou entre perguntar ao senhor qual a perspectiva para concluir a Ferrovia Norte-Sul e a pergunta “por que Dilma seria uma boa presidente para os goianos?”. Qual o senhor vai responder? As duas?

Presidente: Primeiro, a Ferrovia Norte-Sul, deixa eu lhe contar uma coisa: eu fui um cidadão que quando o Sarney apresentou a proposta da Ferrovia Norte-Sul – eu era deputado constituinte – e eu cansei de fazer discurso contra a Ferrovia Norte-Sul. Mas veja o que é o destino. Quis Deus que eu fosse eleito presidente da República para fazer, pela Norte-Sul, mais do que foi feito de 1987 até 2003. Nós pretendemos concluir a obra até Anápolis ainda este ano, ou seja, são 1023 km que nós temos que acabar, e depois nós vamos fazer, no PAC II, a extensão dela até Estrela d’Oeste, em São Paulo, para fazer a ligação direta da Ferrovia Norte-Sul com o Porto de Santos. Então, nós vamos



ligar o Porto de Itaquí ao Porto de Santos, e já está o projeto-executivo feito para que a gente já possa começar o processo de licitação da Ferrovia Norte-Sul até Estrela d'Oeste.

Jornalista: E a... sobre a Dilma?

Presidente: Esta semana eu estou vindo aqui... Esta semana, não. Acho que agora, em março, eu estou vindo fazer uma visita na inauguração de mais um trecho da Ferrovia Norte-Sul, aí, visitar os trechos que estão em obra. Essas obras, também, de vez em quando tem um problema de paralisação, porque tem um embargo judicial, tem alguma coisa – para, verifica e começa –, e a cada seis meses que você para uma obra, você sabe o prejuízo que nós temos.

Mas nós vamos fazer mais. Nós vamos lançar ainda, acho que até o final desse mês de março, a pedra fundamental da Ferrovia Leste-Oeste, que sai do Porto de Ilhéus, na Bahia, e vai se conectar com a Ferrovia Norte-Sul, no estado de Tocantins, para que a gente possa fazer uma interligação de todo o Nordeste brasileiro, em todo o território nacional, através da Ferrovia.

Por que é que a Dilma vai ser uma boa governadora para Goiás?

Jornalista: Presidente, né?

Presidente: Uma boa presidenta para Goiás? Ora, porque eu aprendi, nesses oito anos, a conhecer a Dilma, eu aprendi a conhecer a capacidade de gerenciamento da Dilma, eu aprendi a aprender [conhecer] a capacidade de coordenação e de gerenciamento da Dilma e, portanto, na hora que eu tive que escolher quem deveria ser aquela pessoa que fosse dar prosseguimento às coisas que eu estava fazendo no meu governo, eu achei que a Dilma era a pessoa que tinha o melhor perfil para poder concluir as obras que nós estamos



fazendo e fazer muito mais.

Porque, a partir de agora, você... você sabe que a cada dia que passa a gente vai aprendendo a fazer mais, a gente vai quebrando obstáculos e as coisas vão ficando mais rápidas. Antigamente você demorava um ano para cortar um hectare. Hoje você corta um hectare em uma hora.

Nós demoramos muito... Quando nós começamos o PAC... nós anunciamos o PAC no dia 26 de janeiro de 2007. Quando anunciamos o PAC, nós tínhamos com os governadores, com prefeitos. Aí, nós fomos perceber... a maioria dos projetos que nós tínhamos recebido dos governadores e prefeitos precisavam ser arrumados, porque os projetos não condiziam com a realidade. Nós levamos mais de um ano e meio para começar a acertar cada projeto, para poder começar a obra. Nós... depois nós começamos a obra. Agora, isso vai andando, vai ganhando velocidade. A cada dia fica mais fácil a gente ir fazendo as coisas porque os obstáculos foram quebrados.

Então, nós estamos anunciando, no dia 26 de março, agora, o PAC II. O que é o PAC II? Por que estamos anunciando agora? Porque nós temos que colocar, já no Orçamento de 2011, dinheiro para as novas obras, senão vai entrar um novo presidente, ele vai ter que começar a fazer projeto. Nós queremos deixar engatilhado para que não pare. Ele vai ter um manancial de obras excepcional para ele escolher o que é prioridade, de preferência discutindo com prefeitos e com governadores.

E, por isso, eu acho que a Dilma é a pessoa mais adequada. Apresentei ela ao PT, ela ainda vai ser referendada pelo partido, que não foi, ela vai ser referendada por um conjunto de partidos que apoia o governo, acho que o PMDB, o PP, o PR, o PTB, o PCdoB, o PSB, o PDT... Tem um monte de partidos, nós queremos que todos trabalhem junto com a Dilma, que se alinhem junto com o PT nessa campanha, para a gente poder dar prosseguimento às coisas que estão acontecendo no Brasil.

Porque, o que pode acontecer de pior numa cidade, num estado ou num



país é você ter uma obra paralisada porque o governo que entrou não concordou com aquela obra, ele quer fazer outra obra, e aquela vai para o museu das obras começadas e não terminadas. Por isso a Dilma é a melhor pessoa.

Jornalista: Sobre futebol, para encerrar. Da última vez que o senhor esteve aqui, o senhor pediu craques do Goiás, aí o Corinthians levou o larley, e agora o São Paulo está atrás do Fernandão? O senhor vai pedir mais um craque do Goiás?

Presidente: Olha, veja, eu acho...

Jornalista: Só para encerrar, né, Adolfo?

Presidente: É que eu acho...

Jornalista: Não, eu tenho mais uma.

Jornalista: Esta é para encerrar.

Jornalista: Não, a minha é que vai encerrar. Já combinei aqui, Presidente.

Presidente: Veja, eu acho que se o Corinthians quiser ganhar a Libertadores, o Corinthians tem que montar um bom time. O larley foi uma bela contratação. Agora, para o larley marcar gol, é preciso ter alguém para passar a bola para ele. Ele não pode ficar sozinho lá na frente ou ter que vir no meio do campo buscar para vencer os adversários e marcar o gol. Então, o Corinthians contratou alguns meio-campistas que estão se recuperando agora, vamos ver. Dizem, dizem... Você sabe que o meu filho trabalha no Corinthians agora.



Jornalista: Pois é.

Presidente: Ele me ligou e disse que o time que vai disputar a Libertadores vai entrar em campo amanhã contra a Portuguesa de Desportos, lá no Canindé. Vamos ver, eu vou até ver o jogo na televisão para ver se é o time que vai ganhar a Libertadores. Eu acho que o Corinthians merecia ganhar, mas é preciso saber que os outros times querem ganhar tanto quanto o Corinthians.

Jornalista: Presidente, para encerrar, o senhor acabou não falando se quer o Ronaldinho Gaúcho...

Presidente: O Fernandão, o Fernandão poderia ir para o Corinthians também.

Jornalista: O senhor falou... E o Ronaldinho Gaúcho, na Copa, o senhor quer?

Presidente: Ora, veja, eu acho que o Ronaldinho Gaúcho, se estiver bem fisicamente e estiver jogando o que ele sabe...

Jornalista: O senhor levaria.

Presidente: ...qualquer técnico do mundo o levaria.

Jornalista: Para encerrar, Presidente. Há pouco tempo, o senhor me deu uma opinião sobre o aborto, lembra? E agora, hoje, qual é a posição do senhor?

Presidente: Eu tenho uma posição definitiva sobre o aborto.

Jornalista: Qual é?



Presidente: Primeiro, publicamente, é o seguinte: eu sou contra o aborto, acho que milhões de pessoas, até que já fizeram, são contra o aborto, porque o aborto não é uma estupidez que alguém decide fazer por si só. O que eu acho é que independentemente da gente ser contra enquanto homem, enquanto chefe de Estado eu tenho que tratar o acordo com uma questão de saúde pública, porque tem milhões de jovens neste país, pobres, que engravidam às vezes sem querer e essas pessoas às vezes têm problemas e querem tirar o filho. Ora, quando uma jovem dessa começar a abortar, quem tem que cuidar dela é o Estado, porque as madames vão em clínicas particulares e os pobres vão morrer? Quantas pessoas morrem neste país enfiando agulha de tricô no útero para perfurar, tomando um chá de caroço de abacate. O Alcides é médico, ele deve saber de muitas coisas que acontecem no interior deste país. Então, o Estado tem que assumir a responsabilidade de tratar o aborto como uma questão de saúde pública.

Jornalista: O senhor é contra

Jornalista: Presidente...

Presidente: Eu sou contra como ser humano.

Jornalista: Obrigado.

Jornalista: Eu espero que tenha sido agradável o bate papo com a gente na Difusora e na 730.

Presidente: Ô Adolfo, nunca é agradável, Altair, nunca é agradável, porque a minha assessoria tem um tempo, ou seja, tem uma agenda para cumprir, e eu



estou sendo acusado de que...

Jornalista: O senhor poderia demitir aquele ali.

Presidente: Não, não é que eu estou sendo acusado sempre que eu ... A Marisa, por exemplo, a minha agenda sempre demora uma hora a mais, duas horas a mais, e aí eles jogam a culpa em cima do rádio, porque eu fico falando muito, muito, muito e não paro.

Jornalista: O senhor gosta de rádio, né?

Presidente: O que eu acho é o seguinte: é que o rádio é a chance que a gente tem de conversar falando com a pessoa sem incomodar a pessoa. A pessoa está onde ela estiver, de costas, de frente, de lado, sentado, deitado, trabalhando, descansando...

Jornalista: O senhor falou com o Juarez, uma vez, que o rádio seria fundamental na eleição do senhor.

Presidente: Ah, eu falei.

Jornalista: Ele me contou.

Presidente: Falei, falei e nós fizemos... nós tivemos um bom programa de rádio.

Jornalista: Ele falou, (incompreensível) que o senhor falou.

Presidente: Sabe por quê? Porque o rádio é o seguinte: o rádio é conversa



direta. E uma vantagem, como eu não sou nenhuma “Brastemp”, pelo o rádio a pessoa me acha mais bonito do que pela televisão quando vê a minha cara. Então falar no rádio é muito mais simpático.

Jornalista: A pessoa imagina. Obrigado, Presidente, seja bem vindo.

Presidente: Muito obrigado a você, Altair. Eu quero me despedir dos ouvintes da rádio 730 AM. Obrigado pelo carinho, Altair. E também eu quero me despedir de você, me despedir os ouvintes da rádio Difusora 640 AM e dizer que eu imaginava que você fosse fazer mais perguntas sobre esportes para mim.

Jornalista: Ih, mas eu tinha....

Presidente: Como não deu, como não deu, mais outra vez nós vamos falar sobre esporte.

Jornalista: Perto da Copa, a gente podia marcar uma entrevista sobre o assunto.

Presidente: Perto da Copa do Mundo...

Jornalista: Mas eu tinha um local para o senhor, o senhor iria gostar, mas não teve tempo.

Presidente: Mas vamos fazer um compromisso: perto da Copa do Mundo, o Franklin organiza uma entrevista com vários radialistas só sobre futebol.

Jornalista: Vou cobrar essa do senhor.



Jornalista: Eu tinha uma sobre futebol, o senhor ia achar ridícula, porém sincera. Aqui em Goiás tem o Vila Nova, o time mais popular daqui, e a Nega Brechó, torcedora, falou: “Pergunte ao Presidente lá, amanhã, o que ele pode fazer para o Vila subir para série A. Eu falei: Nega, isso é ridículo perguntar ao Presidente. Não é, Presidente, não é ridículo? Ou não?”

Presidente: Não é ridículo, porque que eu poderia vir jogar no Vila Nova quando eu deixar a Presidência.

Jornalista: Aí o senhor foi longe. Um abraço ao senhor.

Jornalista: Obrigado, muito obrigado.

Presidente: Obrigado.

(\$31DHJLP)